

COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

TRABALHO JORNALÍSTICO EM PALMAS: RELATOS E RETRATOS DA PRECARIZAÇÃO

Júlia Carvalho;¹

Marluce Zacariotti; marluce@uft.edu.br (coautora)²

RESUMO

A revolução digital vem provocando mudanças estruturais no mundo do trabalho e, com efeito, no campo do jornalismo e da comunicação. As redações estão sendo reestruturadas, com efeitos como a fragmentação do trabalho, alteração das relações contratuais e diminuição de profissionais. Este cenário impactou a prática jornalística. Dentro deste contexto, este estudo buscou compreender as percepções dos jornalistas de Palmas sobre a profissão, identificando os sentidos do fazer jornalístico, tendo como referência dados da pesquisa "Perfil do Jornalista Brasileiro 2021". Foram utilizados revisão de literatura, questionários e entrevistas semiestruturadas como técnica de levantamento de dados e qualitativa por meio de princípios da análise de conteúdo. Os relatos dos profissionais revelaram, entre outros pontos, uma contradição entre a paixão pelo jornalismo e o desconforto com situações de precarização, além de mudanças na produção, que, aos olhos dos entrevistados, levam à perda da qualidade do jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo. Transformações digitais. Precarização. Palmas. Perfil do Jornalista Brasileiro.

1. INTRODUÇÃO

As transformações impulsionadas pelas tecnologias digitais e redes sociais têm impactado profundamente a sociedade, incluindo o trabalho jornalístico, que passou por mudanças significativas nos últimos anos (Del Bianco, 2004; Sodré, 2002 apud Colombo, Varela, Biazotti, 2023). No Brasil, o jornalismo foi reestruturado dentro dos modelos pós-fordistas, caracterizados pela fragmentação do trabalho, controle

¹ Jornalista e pesquisadora do Núcleo de Pesquisa, Extensão e Práticas Jornalísticas – Nujor-UFT.

² Doutora em Educação e mestre em Ciências da Comunicação. Professora do curso de Jornalismo da UFT e vice coordenadora do Mestrado Profissional em Educação (PPPGE-UFT). Coordenadora do Núcleo de Pesquisa, Extensão e Práticas Jornalísticas – Nujor-UFT.

rígido do tempo e exigência de um profissional multitarefa (Grohmann, 2012; Fígaro, 2020).

A internet, mídias e redes sociais facilitaram muitas tarefas que antes levavam mais tempo ou eram mais difíceis, como o contato com fontes e a realização de pesquisas (Ferreira, 2016). No entanto, surgem questões sobre o perfil de jornalista exigido pelo novo modus operandi. Fígaro (2020) observa a imposição de um perfil de jornalista polivalente, multitarefa, engajado e sem limites, refletindo a crescente precarização da profissão.

Em 2012, a pesquisa pioneira “Perfil do Jornalista Brasileiro”, conduzida pelo Núcleo de Estudos sobre Transformações no Mundo do Trabalho (TMT) do Programa de Pós-graduação em Sociologia Política (PPGSP/UFSC), forneceu dados sobre características demográficas, políticas e profissionais dos jornalistas no Brasil, apontando sinais de precarização da profissão (Mick e Lima, 2013). Dez anos depois, uma atualização dessa pesquisa, envolvendo 17 pesquisadores e mais de 7 mil jornalistas, revelou uma situação ainda mais precária, ressaltando a urgência de uma análise mais detalhada sobre o futuro da profissão (Lima et al., 2022). A pesquisa “Perfil do Jornalista Brasileiro 2021: Características Demográficas, Políticas, de Saúde e Trabalho”, coordenada pelo Laboratório de Sociologia do Trabalho (Lastro/UFSC) e articulada nacionalmente pela Rede de Estudos sobre Trabalho e Profissão (RETIJ), da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), teve como objetivo compreender quem são os jornalistas do país e suas condições de trabalho no contexto desafiador do início da segunda década do século XXI.

A saúde laboral dos jornalistas, excesso de trabalho e pressão sobre a produção são temas considerados preocupantes. Um levantamento realizado pelo Centro de Pesquisa Comunicação e Trabalho (CPCT), da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), apontou a intensificação do ritmo de trabalho e aumento da jornada de 70% dos comunicadores participantes (Fígaro et. al., 2022). Outra pesquisa realizada pela Federação Nacional de Jornalistas (FENAJ), com 457

jornalistas brasileiros, indicou que 55,5% relataram aumento da pressão sobre o trabalho, agravada após a pandemia da Covid-19 (FENAJ 2020).

Já no contexto estadual, outra pesquisa, apresentada no artigo “O trabalho em pauta: narrativas das jornalistas sindicalizadas no Tocantins” (Parreira e Guizoni, 2020), destaca relatos da precarização do trabalho dos profissionais tocantinenses, indicando que são notadas poucas fontes de prazer na jornada de trabalho das jornalistas participantes do grupo, além de sofrimentos associados às rotinas de trabalho envolvendo, entre outros fatores, dilemas éticos e várias violências laborais vivenciadas.

Dentro deste quadro contextual, o estudo apresentado neste artigo surgiu da necessidade de compreender, de forma mais aprofundada, as percepções dos jornalistas da mídia em Palmas, capital do Tocantins, sobre a profissão. Optou-se por Palmas por ser a capital e por concentrar a maioria das atividades jornalísticas do Estado, com 84 veículos de comunicação ativos (Atlas da Notícia, 2024). Outro fator da escolha refere-se ao acesso aos dados da capital colhidos pela pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro 2021, que foram usados como base desta investigação. Além disso, o trabalho buscou preencher uma lacuna na compreensão das diferenças regionais e dos desafios específicos enfrentados pelos jornalistas (Zacariotti, Marques e Santos, 2023, p. 2).

A pesquisa é fruto das preocupações do Núcleo de Pesquisa, Extensão e Práticas Jornalísticas (Nujor/UFT), cujas pesquisadoras compuseram a equipe Norte da pesquisa coletiva do "Perfil do Jornalista Brasileiro 2021". Ou seja, a partir do que foi levantado, surgiu a necessidade de compreender melhor alguns aspectos com um olhar mais regionalizado. No âmbito do Nujor e do Curso de Jornalismo da UFT, pretende-se contribuir para o entendimento do campo profissional em nosso estado e compor dados que forneçam subsídios para outras pesquisas de abrangência nacional.

Assim, o intuito era identificar como os jornalistas palmenses, com vivências atuais em veículos de comunicação como rádio, televisão e sites, percebem e enfrentam as transformações em sua prática profissional no quadro comprovado pela

pesquisa que serviu de base (Perfil do jornalista Brasileiro 2021). Para tanto, foram utilizadas como técnicas de levantamento de dados, entrevistas individuais semiestruturadas, baseadas nos métodos de Ribeiro (2006), Reimberg (2015) e Dantasv (2019); questionário com questões mistas e revisão de literatura. Para a análise, foram adotados métodos baseados nos princípios da Análise de Conteúdo e na análise qualitativa categorizada (Duarte, 2005).

2. CONTEXTO E APORTE TEÓRICO

Segundo Nonato (2013, apud Reimberg, 2015), três momentos marcam a evolução da profissão: (i) o pós-Segunda Guerra Mundial, que trouxe a televisão e consolidou a cultura audiovisual; (ii) a década de 1960, com a exigência do diploma de jornalista e a ascensão da Indústria Cultural no Brasil; e (iii) a Revolução Tecnológica, que transformou as práticas jornalísticas.

A digitalização do jornalismo não apenas modificou o processo produtivo, mas impôs uma nova lógica de mercado baseada na velocidade e na convergência midiática. Sodré (2002, p. 18) destaca que “a exacerbada mobilidade contemporânea torna aguda a consciência de que é preciso acompanhar as mudanças, mesmo sem conhecer exatamente a sua natureza”. Isto reflete a necessidade constante de adaptação do jornalista, que hoje acumula funções como redação, edição, publicação e distribuição do conteúdo (Moraes Júnior e Antonioli, 2016).

Além da sobrecarga, o caráter mercadológico da informação levou ao enfraquecimento dos princípios jornalísticos. Nonato (2009, p.9 apud Reimberg, 2015) observa que “o jornalista está dividido entre a função de informar sobriamente os fatos e atender às demandas de um mercado cada vez mais competitivo”. Da mesma forma, Fígaro (2013) analisa que o jornalismo está vinculado a uma lógica empresarial, subordinado à lucratividade e à lógica produtiva das grandes corporações.

A precarização do trabalho jornalístico se acentuou com o enfraquecimento das regulamentações trabalhistas. A decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), em

2009, que aboliu a obrigatoriedade do diploma, aumentou a desregulamentação da profissão e agravou as disputas sobre quem pode ser considerado jornalista (Silveira, 2010 apud Bulhões, 2019). Para Dantas (2019), precarização laboral envolve um conjunto de fatores que dificultam o pleno exercício da profissão. Isso inclui insegurança contratual, remuneração inadequada, aumento da jornada de trabalho e enfraquecimento da proteção social. Antunes (2009) complementa a preocupação com os impactos desta crise ao explicar que o trabalho não é apenas parte da rotina cotidiana, mas da própria identidade do indivíduo, de modo que sua degradação compromete não apenas a vida profissional, mas também a pessoal.

Já Reimberg (2015) apresenta pesquisa, cujos dados apontam que as novas exigências de produtividade levaram à sobrecarga e ao sofrimento psíquico dos jornalistas. Cinco anos depois, a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ, 2020), revelou uma crise na saúde mental dos profissionais do Rio de Janeiro e São Paulo (sujeitos da pesquisa), intensificada pelo ritmo acelerado e pela instabilidade empregatícia. Outros dados, levantados pelo Centro de Pesquisa Comunicação e Trabalho (CPCT/USP) (2022), demonstram que 70% dos jornalistas relataram aumento da jornada, enquanto 55,5% apontaram pressão crescente após a pandemia. Somando-se a esse quadro, Lima et al. (2022), na pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro 2021, apresentam que a precarização do trabalho jornalístico avançou significativamente a partir de vários indicadores.

Nesse contexto, é importante refletir sobre os processos que influenciam as mudanças. Para além de saber os impactos sobre o perfil profissional, sobre a saúde ou sobre novos processos de produção é preciso compreender o novo cenário em busca de soluções ou de ressignificações da profissão. Assim, como observam Barros et al. (2021), cabe entender que a digitalização do mundo e a plataformização³ impuseram uma nova dinâmica ao jornalismo. Segundo Colombo, Varela e Biazotti

³ Plataformização refere-se à penetração de infraestruturas digitais, processos econômicos e estruturas governamentais de plataformas em diferentes setores econômicos e esferas da vida. Plataformas digitais, como Google, Facebook e Uber, são definidas como infraestruturas programáveis, que facilitam e moldam interações personalizadas entre usuários e complementadores, organizadas por meio da coleta, processamento algorítmico, monetização e circulação de dados. Ver mais em: POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. Plataformização. Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos, 2020.

(2023), empresas de comunicação passaram a depender de dispositivos digitais (sites, redes sociais, blogs), o que ampliou a audiência, mas também elevou as exigências sobre os jornalistas. Agora, além de apurar os fatos, os profissionais precisam selecionar, comentar e interagir diretamente com o público (Bruns, 2015 apud Moraes Júnior e Antonioli, 2016). Ou seja, a rotina jornalística ficou mais complexa, mais estressante e a remuneração não acompanhou o aumento das exigências e do trabalho.

Grohmann (2013) colabora nessa discussão destacando que o jornalista moderno precisa ser multiplataforma e polivalente, assumindo funções antes desempenhadas por designers, editores e fotógrafos. E quais as consequências? Isso gera, principalmente, uma sobrecarga de trabalho e dilui a especialização profissional. A convergência midiática também afetou a relação tempo-espço, tornando o trabalho ininterrupto. Como observa Bastos (2010 apud Grohmann, 2013, online), “o deadline é infinito, e não há mais a sensação de fim do trabalho”.

Como já identificado em outras pesquisas, a precarização do trabalho jornalístico não se restringe às condições contratuais e salariais, mas também afeta a saúde física e mental dos profissionais. Há mais de 20 anos, Ribeiro (2001) já observava impactos do estresse constante, que leva a problemas como ansiedade, insônia e doenças cardiovasculares. Heloani (2006) também constatou que muitos jornalistas ultrapassavam a carga horária estabelecida pela CLT, o que afetava seu bem-estar.

Além do impacto individual, a situação afeta a vida familiar e social dos jornalistas. Segundo Silva (2013 apud Bulhões, 2016), a necessidade de estar sempre atento a novas pautas gera a “mais-valia extra”, em que o profissional nunca está realmente fora do trabalho.

Dando um salto no tempo, a pesquisa do perfil do jornalista brasileiro 2021 (Lima, et.al, 2021) traz um quadro aprofundado e ainda mais complexo dessa precarização.⁴ Os estudos de Lima, et. al (2021) e Zacariotti et.al (2023), na região Norte, e especificamente no Tocantins, trouxeram indicadores importantes sobre a

⁴ Ver mais sobre a pesquisa em <https://perfildojornalista.ufsc.br/>.

precarização do trabalho jornalístico, refletindo a tendência nacional, embora tenha especificidades.

A alta rotatividade nas redações é um problema que afeta o jornalismo na região norte. Mais da metade dos profissionais entrevistados trabalham há menos de três anos no mesmo veículo: 24,5% há um ano ou menos e 27,3% entre um e três anos. Apenas 16,1% estão entre três e seis anos e 11,2% entre dez e vinte anos. Somente 1,7% permanece há mais de trinta anos na mesma empresa. Esse cenário reflete a fragilidade da mídia na região norte, que tem poucos veículos tradicionais e iniciativas independentes recentes. Como se pode ver no levantamento do Atlas da Notícia (2023), a região norte é a que tem o menor mercado de mídia regional no Brasil, com pouco mais de 1.000 veículos cadastrados. (Zacariotti et. al., 2023, p.18).

Outro ponto merece atenção no mercado jornalístico no Norte: 45% dos entrevistados da pesquisa do Perfil do Jornalista 2021 disseram que têm outras ocupações: sendo que 31,5% possuem dois empregos; 11,8% trabalham em três lugares e, surpreendentemente, tem jornalista que atua em quatro ou mais empregos/atividades (1,7%). (Zacariotti et.al, 2023). Também se destacam questões sobre assédio moral e sexual e sobre a permanência em condições precárias de trabalho por medo de demissão (Parreira e Ghizoni, 2020).

Tal cenário suscita muitas perguntas e requer olhares mais aprofundados sobre esses sujeitos jornalistas, sobre suas percepções deste contexto e, principalmente, sobre como se colocam frente aos desafios da carreira em um ambiente de precarização.

3. METODOLOGIA

Para compreender as percepções de jornalistas de Palmas (TO) sobre aspectos relacionados ao que identificamos no contexto de pesquisas anteriores sobre precarização do trabalho e os efeitos sobre a vida e a carreira dos(das) jornalistas, desenvolveu-se uma metodologia de pesquisa de abordagem qualitativa, com técnicas de revisão bibliográfica, questionário e entrevistas semiestruturadas como técnicas de levantamento de dados, seguindo parâmetros utilizados em estudos anteriores sobre condições de trabalho dos jornalistas, como os de Heloani Ribeiro

(2006), Reimberg (2015), Dantas (2019) e a pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro 2021.

A primeira etapa contou com uma revisão bibliográfica, fase essencial para ampliar o conhecimento teórico e contextualizar o estudo dentro da produção acadêmica existente. Essa revisão incluiu a análise de livros, artigos científicos, teses, dissertações e outras fontes escritas. Após a coleta desses materiais, realizou-se um processo de seleção e filtragem, priorizando aqueles mais relevantes para os objetivos do estudo.

Tivemos acesso ao relatório com as respostas dos jornalistas do Tocantins que participaram da pesquisa Perfil do Jornalistas 2021, porém o documento não informava cada resposta por cidade, o que nos levou a adicionar um questionário fechado, também feito via Google Formulários, com questões fechadas. Os dados deste questionário serviram para complementar as respostas de cada entrevistado no contexto regional, além de poupar tempo no momento da entrevista, que foi voltada para questões abertas. As informações do questionário referiam-se a idade, gênero, orientação sexual, cor/raça, estado civil, se tem ou não filhos, nível de escolaridade, tempo de atuação no jornalismo, se possui registro profissional, qual tipo de mídia trabalha, vínculo empregatício, benefícios no trabalho, horas trabalhadas por dia, salário, quantidade de colegas e funções no trabalho.

Foram selecionados os temas que mais se destacaram na pesquisa-base: reconhecimento e valorização no trabalho; qualidade de vida/trabalho do jornalista; remuneração; assédio moral; quantidade de demandas; sentidos no trabalho de jornalista e visão de futuro da profissão. Esses temas compuseram o roteiro com 9 perguntas.

As entrevistas se realizaram no período de 10 de junho a 1 de julho de 2024, com duração média de 40 minutos a 1 hora e todas foram gravadas. As gravações passaram pelo processo de transcrição com uma ferramenta de inteligência artificial,

a plataforma *Turbo Scribe*, e, em seguida, pela revisão de cada fala dos entrevistados. Alcançamos um material vasto com mais de 40 páginas de transcrições.

Inicialmente, definiu-se que os entrevistados deveriam ser jornalistas atuantes na imprensa de Palmas (TO) e que tivessem participado da pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro 2021. Diante disso, adotou-se a seleção por conveniência, um método em que as fontes são escolhidas com base na disponibilidade e proximidade do pesquisador (Duarte, 2005). Foram contatados 15 jornalistas via WhatsApp, obtendo-se o retorno positivo de oito (8) participantes. Todos os entrevistados são profissionais que trabalham na mídia em veículos digitais e, diante da proximidade no mercado de Palmas, optou-se por utilizar nomes fictícios de modo a resguardar os entrevistados.

Foi feita uma categorização dos relatos das entrevistas e para isso utilizamos o roteiro de perguntas, possibilitando flexibilidade na construção dos resultados (Duarte, 2005, pg.79). As informações foram classificadas a partir de categorias semelhantes às do roteiro, mas adaptando conforme as respostas obtidas, que foram agrupadas aos temas comuns, em quadros, com intuito de visualizar melhor as informações. Para efeito de preservação dos respondentes, as informações que diziam respeito à identidade ou local de trabalho não foram publicizadas.

4. ACHADOS DA PESQUISA

No processo de categorização das entrevistas, que segundo Duarte (2005, p.79) “têm origem no marco teórico e são consolidadas no roteiro de perguntas”, estabelecemos: reconhecimento no trabalho, trabalho e qualidade de vida, condições de trabalho, assédio moral no trabalho, adaptações às mudanças no trabalho, sentidos no fazer jornalístico e futuro da profissão em Palmas. Outras categorias complementares que achamos pertinente destacar, conforme relemos as entrevistas e categorizamos os temas foram: união da categoria e atuação do sindicato. Assim como fez Reimberg (2015), a categorização, bem como o roteiro, deu espaço para que os jornalistas contassem histórias e pudessem se aprofundar no aspecto vivencial da

entrevista. Além disso, os relatos foram separados de acordo com o veículo em que a pessoa trabalha, de modo a permitir melhor compreensão da realidade dos profissionais de cada área (televisão, rádio e sites de notícias). Foram construídos quadros representativos de cada categoria, com um pequeno resumo das falas dos entrevistados. Tendo em vista os limites deste artigo, focamos em alguns desses pontos, considerados mais relevantes.

Consoantes com o perfil do jornalista do Norte e do Tocantins (Zacariotti et.al, 2023 e Lima et.al., 2023), a maioria dos entrevistados se declaram como pardos/pretos, solteiros sem filhos, e ocupando a função de repórter. A região em questão é caracterizada por uma predominância de estados majoritariamente compostos por pessoas negras (pardas e pretas), o que também se reflete no jornalismo local. Foram entrevistados homens e mulheres, com faixas etárias predominantes entre 30 e 50 anos.

Divergindo dos dados gerais da região Norte (Zacariotti et. al., 2023), a maioria dos entrevistados para este estudo não se encontra em situações de subempregos (situações que envolvem receber menos que o piso salarial ou sem nenhum tipo de contrato), quase todos são celetistas e recebem pelo menos um benefício além do salário. Somente dois deles se enquadram como PJs e não recebem benefícios.

O sentimento de reconhecimento é fundamental para que as pessoas se sintam motivadas. Nas entrevistas, foi possível extrair pontos interessantes sobre essa questão: Laura, José e Pedro se sentem valorizados pelo retorno que o público dá, pois percebem elogios e agradecimento. No entanto, José e Pedro, da área do telejornalismo, comentaram que, apesar desse retorno externo, não recebem nenhum reconhecimento no próprio ambiente de trabalho:

(Reconhecimento)Interno eu não diria tanto, não que eu queria ser bajulado ou elogiado 100% do tempo, mas tem momentos que a gente se desdobra para fazer alguma coisa e acaba que nem um 'obrigado' é dito. Então, assim, eu diria que hoje eu me sinto reconhecido pela audiência, mas no meu ambiente de trabalho não (José, 2024).

Mais da metade da minha vida foi dedicada à imprensa. E eu não tive nenhum reconhecimento. Quando eu falo de reconhecimento da empresa, sabe? O reconhecimento que eu tive hoje e que sou grato até hoje é da comunidade, do povo. Todo mundo reconhece o meu trabalho, gosta de ver. (Pedro, 2024).

Ambos destacam uma desconexão entre o esforço que empregam em suas atividades e a valorização recebida, encontrando maior reconhecimento fora do ambiente profissional, o que pode estar ligado ao fato do telejornalismo envolver mais a audiência com a figura do repórter. Ao contrário de Clarice, que trabalha em um site de notícias e que diz não sentir reconhecimento por parte da sociedade:

As pessoas imaginam a gente, ah, é só um texto, ah, qualquer um faz isso, qualquer um pode ser jornalista. Então, até com essa questão do crescimento dos influenciadores ou de pessoas que se tornaram jornalistas e que são aceitas como jornalistas, isso já mostra que não há reconhecimento, não se dá importância. Porque nós, que estudamos, que temos formação, que vamos atrás das informações de forma correta, já não somos o bastante. Qualquer pessoa pode ser. Isso já é uma forma de perceber que a sociedade como um todo não valoriza a profissão de jornalista. (Clarice, 2024).

A percepção de Clarice traz uma discussão não só sobre a identidade do jornalista como profissional, mas sobre os mecanismos que regulam quem de fato está apto para exercer a profissão. O fim da obrigatoriedade do diploma, por exemplo, pode ter agravado a percepção do público sobre quem é jornalista ou não, associado ao fato de as pessoas, hoje, terem acesso a uma enormidade de conteúdos, que estão sendo criados por figuras das mais variadas e usando, muitas vezes, as ferramentas jornalísticas como entrevistas, colunas especializadas etc.

Tais questões precisam ser problematizadas, enfrentadas pelo campo. Com a não obrigatoriedade do diploma, provocou uma desregulamentação. Além disso, afetou a identidade jornalística e tornou o exercício profissional mais flexível (Bulhões, 2019, apud Dias, 2013; Silveira, 2010). Não existem critérios definidos para exercer uma função social que transcende o ato de noticiar, abrangendo também a formação de opinião e nesse sentido, a informação, por ser um direito da sociedade, não deve estar associada a interesses ocultos, tais como os de natureza mercadológica, econômica e política (Silva e Moura, 2012).

Há uma insatisfação generalizada, percebida também em um âmbito mais abrangente, visto que a pesquisa base (Perfil do Jornalista Brasileiro 2021) apontou que mais da metade dos jornalistas respondentes no Tocantins afirmaram que não sentem que seus esforços são reconhecidos no trabalho.

Em se tratando de qualidade de vida no trabalho, todos os entrevistados mencionaram que a atuação profissional nesse contexto de precarização tem afetado a qualidade de vida, sendo unânime a percepção de que a profissão traz uma carga significativa de estresse e transtornos mentais, cenário também comprovado pela pesquisa no Tocantins (Lima et.al., 2023).

A questão do tempo foi bastante comentada, a principal queixa de Laura foi quanto aos prazos:

A gente tem uma grade fixa de um programa que acontece todos os dias, invariavelmente, faça chuva ou faça sol no mesmo horário. Então, se por algum motivo eu não conseguir cumprir uma demanda para entrar ao vivo nesse programa, isso já me causou algumas vezes, algumas crises de ansiedade. (Laura, 2025).

Maria compartilha da mesma sensação e para ela os prazos apertados são a principal razão dos seus transtornos psicológicos:

Eu pego uma pauta com quatro entrevistados, onde poderia fazer um texto criativo, inovar, porque é uma pauta fria, uma data comemorativa, algo assim. Mas tenho dois horários por dia. Então, tenho no máximo uma hora para entender as informações da produção, gravar com quatro entrevistados, escrever, pegar imagens com o cinegrafista e pensar em uma passagem. Ou você entra muito no automático, fazendo o básico, ou você vive doente por conta disso – Relatou Maria.

Pedro também narrou momentos semelhantes:

Você não tem tempo pra você se sentar e escrever. Eles falam assim, vai escrevendo dentro do carro, aí chega aqui e está pronto. Você escrevendo dentro do carro, num semáforo, na rotatória, tem gente que tem problema, não pode estar olhando para o celular no trânsito, fica tonto, fica zonzinho. Aí, você tem que escrever lá, o editor está lá em pé te esperando, gera uma pressão. Você não faz aquilo que você queria fazer, você não põe o texto naquela parada que você queria colocar, isso tudo te pressiona até um produto final, horrível - Relatou Pedro.

Essa dinâmica com tempo também foi pontuada na categoria de adaptações às mudanças no trabalho em função das tecnologias digitais, percebemos que os entrevistados sentem uma enorme pressão para cumprir prazos, que ficaram ainda mais apertados com o senso de urgência que a internet intensificou (Martins de Lima, 2010).

João, que tem mais de 30 anos, explica que está fazendo uma transição de carreira em busca de mais qualidade de vida. Sentimento de frustração, desilusão e desamparo estão claramente presentes nas experiências de João enquanto a mudança de carreira representa uma tentativa de restaurar uma sensação de valor pessoal e profissional, além de buscar um ambiente onde possa se sentir mais reconhecido e respeitado.

Ao contrário dos outros, Manuel, José e Gustavo disseram que conseguiram se adaptar às pressões das inovações tecnológicas, mas reconhecem os aspectos negativos quanto à velocidade de produção. Já Laura e Pedro, o jornalista mais velho que entrevistamos, que também passou por uma migração de carreira, apontaram que à medida que as tecnologias digitais entram no jornalismo, o cuidado com a apuração e checagem dos fatos deve ser redobrado:

Eu acho que nós, jornalistas mais antigos, mais vividos, eu, por exemplo, tenho 40 anos em produção, se eu não pegasse o telefone e checasse, não saía nada, sabe? Agora não. As pessoas não têm o cuidado de checar, de apurar. E nós somos os olhos da sociedade, né? Observa Pedro.

Em meio tantas pressões, o que conseguimos perceber por meio dessas falas é a exaustão dos jornalistas, há uma conexão clara entre o ritmo de trabalho, a preocupação com o produto que entregam e o desenvolvimento de transtornos mentais entre os profissionais. Produtos jornalísticos são analisados e criticados. Ou seja, o jornalista está sempre sendo analisado, seu trabalho passa por um julgamento em vários níveis, internamente, pelos chefes e colegas; e, externamente, pelo público e pelas próprias fontes.

A pressão para produzir rapidamente e a incapacidade de se dedicar a um trabalho mais detalhado e aprofundado geram frustração e ansiedade, muitas vezes levando a crises de saúde mental. A qualidade do trabalho é frequentemente sacrificada, criando um ciclo vicioso onde a insatisfação com o produto alimenta a desmotivação e o desgaste emocional. Em um ambiente onde a inovação e a criatividade são sufocadas pela urgência, os jornalistas enfrentam o dilema de manter sua integridade profissional, saúde mental e entregar um jornalismo decente.

Em sua pesquisa, Reimberg (2015) também observou que essas questões são fonte de sofrimento para o jornalista e destaca que a estrutura de trabalho atual subtrai a subjetividade do trabalhador, deixa ela limitada e controlada, tudo para fazer com que ele produza mais e mais rápido.

Existe ainda o ponto em que os entrevistados, de modo geral trazem, especialmente os mais velhos e os que estão fazendo transição de carreira, há uma sensação de descarte e/ou desvalorização (aprofundada pela imposição das tecnologias digitais, inteligência artificial) que pode ser somado ao impacto da saúde dos profissionais. Além disso, há uma sobrecarga gerada pela pressão que os jornalistas enfrentam, pela redução das equipes. De acordo com Heloani (2006), os trabalhadores qualificados sobrevivem às demissões e equipes reduzidas acumulando funções, a ponto de um único trabalhador desempenhar tarefas e alcançar resultados que antes eram responsabilidade de um grupo inteiro. A alta demanda combinada com pouco controle sobre o trabalho pode levar ao burnout, estado de exaustão emocional, despersonalização e redução da realização pessoal causado por estresse crônico e sobrecarga no ambiente de trabalho, afetando a qualidade geral do trabalho (Maslach, 2009).

Gustavo e João trazem uma perspectiva diferente ao mencionar o cansaço e a exaustão como principais razões para a diminuição de profissionais. Gustavo aponta que as pessoas não querem mais trabalhar em redação devido ao cansaço pós-pandemia, enquanto João fala sobre a busca pelo profissional “coringa”. O comentário de João ilustra as exigências que o mercado impõe sobre os jornalistas,

como polivalência do profissional multitarefa, indicando a precarização do ofício jornalístico.

Com o tempo e a experiência, o entrevistado desenvolveu um amadurecimento profissional que o levou a reconhecer e impor limites sobre suas funções. Isso vai ao encontro do que Lima (et.al.,2022) destacam sobre a relação da precarização laboral com a juvenilização das redações. Muitas empresas preferem a contratação de jovens por estes não apresentarem a autonomia que João menciona, por serem mais suscetíveis a aceitação de condições precárias de trabalho.

Como o jornalista internaliza o fato de ser responsável por várias demandas, que muitas vezes, caberia a outros profissionais para serem executadas com excelência? Há uma certa “normalização” do acúmulo de tarefas, que acaba sendo usada por gestores, que utilizam dessa narrativa de estimular o aprendizado e autonomia no ambiente de trabalho para contratar mais profissionais “coringas” e que valem por 3, 4, ou 5 profissionais.

O assédio moral também é preocupante, fator que está alinhado às perspectivas coletadas da pesquisa base no Estado (Lima et.al., 2023). Pontos em comum entre os entrevistados incluem a percepção de que o assédio moral está frequentemente ligado a posições hierárquicas superiores, com chefes utilizando seu poder de forma abusiva. A maioria já presenciou ou conhece colegas de profissão que passaram por situações de assédio, o que revela a onipresença e normalização desse problema no ambiente jornalístico. Isso indica uma cultura organizacional que tolera ou ignora essas práticas, contribuindo para sua perpetuação.

O relato de Manuel de presenciar colegas sendo assediados "constantemente", inclusive durante transmissões ao vivo, sublinha a persistência e a gravidade do problema:

É sempre muito claro quando algumas ações se configuram como assédio moral. Mas essas ações, geralmente, são cometidas por quem está no cargo de chefia, coordenando equipes. Eu já sofri assédio moral, já vi e vejo constantemente colegas sendo submetidos a ações de assédio moral. Para

mim, é muito claro, às vezes até em momentos bem inapropriados, ao vivo. E quem realiza essas ações de assédio moral nunca acha que está fazendo algo que se configura como tal – Apontou Manuel.

Outro agravante que ele menciona são as ameaças de demissão, uma tática de controle e intimidação que pode estar profundamente enraizada na gestão em algumas empresas de comunicação. Segundo Ribeiro (2001 apud Bulhões, 2019), um dos efeitos das ameaças de demissão é causar tensão produtiva nos funcionários e reforçar a mensagem de que ninguém é insubstituível.

Clarice, não relatou assédio moral em sua atual empresa, mas diz ter enfrentado assédio sexual fora dela devido à sua profissão:

Já sofri assédio sexual por pessoas de fora da empresa. Às vezes, a pessoa chega te pegando, te abraçando, fazendo piadinhas. Eu tento levar na brincadeira, porque sei que, o que vou fazer ali? Vou expor o cara? Para mim, não há retorno com isso, entende? Já tive amigos que sofreram muito assédio moral, adquiriram transtornos psicológicos por causa disso. Ficaram inseguros, não acreditavam no próprio potencial e ficaram presos naquele ciclo horrível de humilhação. Vemos muito isso: mesmo a pessoa te humilhando, você ainda está ali, e ainda assim não é o suficiente. Pontuou Clarice.

Este relato amplia o contexto do problema, destacando que os jornalistas, especialmente mulheres, estão vulneráveis a várias formas de assédio que ultrapassam o ambiente de trabalho. A menção que ela faz de colegas com transtornos psicológicos devido ao assédio moral reforça a ideia de que as consequências desse tipo de violência podem ser graves e duradouras.

Os entrevistados da televisão trazem relatos ainda mais variados e intensos e partimos do pressuposto de que o telejornalismo é mais delicado, por lidar com a exposição direta da imagem do jornalista. No relato de José, a referência a xenofobia e discriminação baseada em aparência e comportamentos sugere uma interseção entre assédio moral e outras formas de discriminação, complicando ainda mais a dinâmica do ambiente de trabalho. Ele exemplificou sua referência da seguinte forma:

Você vê a xenofobia dentro de uma instituição tocantinense, que está no Tocantins desde a criação do estado. Ou seja, é uma instituição

tocantinense, com chefes tocaninenses, e mesmo assim há xenofobia por você ser daqui. Então, você não tem a mesma competência que uma pessoa vinda de São Paulo, mesmo que essa pessoa nunca tenha tido experiência. (...) Eu sou muito magro, e no vídeo fica claro que sou magro. Ouvi comentários como "você tem que engordar mais", "você precisa ter mais cara de jornalista". Esses comentários destilam um preconceito disfarçado, dizendo que você precisa ter mais postura de jornalista. Quando dizem a um homem que ele precisa ter postura de jornalista, fica muito evidente o que estão querendo dizer - Relatou José.

A fala revela preconceito estético e de gênero no ambiente de trabalho, evidenciado por comentários sobre a aparência física do entrevistado, como sua magreza, e a pressão para se conformar a um padrão estereotipado de jornalista. Além disso, a menção à "postura de jornalista" insinua preconceito de gênero, sugerindo que há um comportamento específico esperado dos homens no jornalismo.

Ao cruzar os dados, observamos que o assédio moral e sexual é uma questão transversal e multifacetada no jornalismo, afetando profissionais de diversos meios/veículos de comunicação. A experiência de assédio parece ser regra par os jornalistas, influenciada por fatores específicos do ambiente de trabalho, cultura organizacional, e hierarquia, mas também por questões de gênero, raça e aparência.

As respostas dos entrevistados indicam que a paixão pelo jornalismo e as barreiras para a mudança de carreira são motivadores centrais para a permanência dos profissionais na profissão. Conforme Reimberg (2015), apesar de reconhecerem as condições negativas associadas à precarização do trabalho, os profissionais frequentemente destacam o profundo envolvimento com a profissão, que confere sentido às suas vidas. O reconhecimento e o significado atribuído ao trabalho podem transformar o sofrimento em prazer, como foi possível identificar nos relatos.

As respostas dos entrevistados sobre o futuro refletem perspectivas que vão do otimismo cauteloso ao pessimismo profundo. Laura, que trabalha no rádio, aposta num futuro de jornalismo em multiplataformas Manuel reflete uma sensação de preocupação com a sustentabilidade financeira das redações e a erosão das condições de trabalho para os profissionais, indicando um cenário onde a redução de recursos e o enxugamento das equipes podem prejudicar a qualidade e a estabilidade do

jornalismo na região. Clarice vê o empreendedorismo como uma saída e João acredita que as redações atuais não são financeiramente atraentes e oferecem condições de trabalho desgastantes, o que pode afastar os profissionais e consolidar o jornalismo como uma atividade mais voltada para a assessoria na região.

Fica claro também que um destes desafios está ligado às atividades jornalísticas. Como alguns dos entrevistados pontuaram, os jornalistas estão produzindo conteúdo em redes sociais, desenvolvendo funções que não seriam eminentemente jornalísticas, pelo menos dentro do que hoje temos assegurado teórica, conceitual e eticamente como prática jornalística. Essa é uma questão que bate à nossa porta e que envolve debates em torno de uma situação complexa: o que podemos chamar de alargamento das atividades da profissão. (Mick e Kikuti, 2020). Ou seja, os jornalistas estão trabalhando em várias frentes e o fazem seja por força de adaptação ao mercado, seja por necessidade para sobreviver na área.

Os relatos dos entrevistados revelam uma diversidade de opiniões sobre a eficácia e o papel do sindicato na representação e defesa dos jornalistas. Embora haja um consenso sobre a falta de união e os desafios enfrentados pela classe, as percepções sobre a atuação do sindicato variam, com alguns profissionais reconhecendo seus esforços e outros expressando desilusão com a falta de resultados concretos. Esses pontos de vista ilustram a complexidade das dinâmicas entre os jornalistas e seus representantes sindicais, sublinhando a necessidade de uma reflexão crítica sobre como fortalecer a união da classe e aprimorar a atuação sindical para melhor defender os interesses dos profissionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos revelaram que os jornalistas de Palmas enfrentam diversas dificuldades em suas práticas profissionais, como a intensificação do ritmo de trabalho, assédio moral e sexual, discriminações, e pressões constantes sobre a qualidade e a quantidade de produção jornalística. A percepção da profissão é marcada por sentimento de frustração e esgotamento, reflexo direto da precarização

que afeta não só as condições de trabalho, mas também a saúde emocional, como relataram os entrevistados.

A análise dos dados trouxe insights sobre os jornalistas em Palmas que reforçam os desafios da profissão descritos pela pesquisa “Perfil do Jornalista Brasileiro 2021”. As principais dificuldades enfrentadas pelos profissionais incluem o reconhecimento inadequado, a sobrecarga de trabalho, a remuneração insuficiente e a falta de suporte psicológico e institucional. Fatores também apontados nos estudos de Heloani (2006), Reimberg (2015) e Dantas(2019).

A falta de reconhecimento e valorização por parte das empresas e a disparidade entre o reconhecimento popular e a remuneração afetam negativamente a motivação e o bem-estar dos profissionais. Além disso, a alta carga de trabalho e a necessidade de buscar fontes adicionais de renda refletem uma realidade de precarização, onde a qualidade de vida dos jornalistas é comprometida.

Frequentes foram os relatos de transtornos psicológicos, crises de ansiedade e quadros intensos de estresse entre os entrevistados, que associaram essas consequências ao trabalho. Embora alguns busquem terapia e tentem gerenciar o estresse individualmente, a dificuldade em desconectar do trabalho e a sobrecarga contínua persistem. Assim, o ambiente de trabalho no jornalismo se revela não apenas desafiador, mas também insuficiente para proporcionar o suporte necessário para uma saúde mental equilibrada.

Os casos de assédio, tanto moral quanto sexual, indicam que a segurança no ambiente de trabalho é comprometida, pressupondo a necessidade urgente de estratégias mais eficazes para proteção dos jornalistas. Sem falar nas consequências psicológicas, que podem afetar os profissionais e impactar a sua qualidade de vida. As inovações tecnológicas, embora ofereçam oportunidades, também aumentam a pressão sobre os jornalistas, muitas vezes sem o suporte necessário para lidar com as novas demandas.

Em meio a essas considerações, evidenciamos alguns pontos que merecem destaque. Entre eles, foi possível notar uma grande preocupação entre os entrevistados com o produto jornalístico que conseguem entregar. Muitos estão cientes de que sua capacidade como profissional não é totalmente aproveitada, sobretudo por conta de questões inerentes à profissão, como a relação com o tempo, e imediatismo, que foram bastante agravadas no cenário das tecnologias digitais, mídias sociais e multimídia, bem como no contexto de precarização em função do acúmulo de funções, da necessidade de o jornalista ser multitarefa. Essa conjuntura abala a autoestima profissional dos entrevistados, que se veem desmotivados convivendo com deterioração da qualidade do seu trabalho, relacionada à crescente precarização das condições de trabalho (Mick e Kikuti, 2020).

No que diz respeito à identidade profissional, a sensação que nossos entrevistados passam é a de que o jornalista é um profissional exausto, desvalorizado e que precisa viver se adaptando e lidando com diversos tipos de pressão constantemente. Um perfil dividido, entre os que seguem suas carreiras até com certa inércia frente aos problemas e aqueles que preferem não continuar trabalhando em um contexto tão precarizado, que decidem passar por uma transição de carreira para fugir do ritmo frenético de redações, por exemplo. Estes buscam não só condições laborais melhores, mas, também, mais qualidade de vida.

Ficou claro que a relação de prazer e de amor pela atividade jornalística é determinante no sentido que dão à profissão. Muitas das vezes isso se sobrepõe a questões econômicas e estruturais. Foi possível identificar amor por traz daqueles que atuam na imprensa, sustentado ou pelo apego genuíno ao fazer jornalístico ou pelo apego à função social do jornalismo (Reimberg, 2015). A paixão, portanto, é tanto uma motivação quanto uma fonte de sofrimento, refletindo a complexidade da experiência jornalística em um ambiente de trabalho cada vez mais precarizado. Tal questão aparece em outras pesquisas da área e, talvez, até merecesse um olhar mais aprofundado em estudos futuros.

Por fim, com base nas entrevistas podemos concluir que o futuro do jornalismo em Palmas, assim como em outros cenários, deve conviver com a redução do mercado de jornalismo tradicional e com uma crescente precarização das condições de trabalho, pelo menos é o que aparece nos relatos. A percepção de uma classe desunida e atuação limitada do sindicato indicam a necessidade de maior coesão e ações mais eficazes para enfrentar esses desafios. A união aparenta ser vista pelos entrevistados como um caminho necessário.

Tendo viés qualitativo, os relatos são bastante elucidativos e trazem riqueza de detalhes, de vivências profissionais, que, com certeza, ajudam na problematização do tema proposto na pesquisa. Assim, essa escuta, esse momento aberto para expressar sobre si e sobre o seu fazer pode ser revelador de problemas, situações, tendências comuns a outros sujeitos, em outros espaços.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. 1953. **Os Sentidos Do Trabalho: Ensaio Sobre A Afirmação E A Negação Do Trabalho**. 2 ed. São Paulo, SP: Boitempo, 2009.

ATLAS. 2024. **Dados E Estatísticas**. Disponível em: <https://www.atlas.jor.br/dados/app/>. Acesso em: 10 de março de 2025.

BERGAMO, Alexandre; MICK, Jacques; LIMA, Samuel. 2012. **Perfil Do Jornalista Brasileiro**. Disponível em: <https://perfildojornalista.ufsc.br/files/2013/04/Perfil-do-jornalista-brasileiro-Sintese.pdf>. Acesso em: 10 de março de 2025.

COLOMBO, Macri Elaine; VARELA, Ulysses do Nascimento; BIAZOTTI, Vinicius. **Jornalismo E Internet: Evolução E Perspectivas Dos Processos De Circulação De Notícias**. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/39413>. Acesso em: 10 de março de 2025.

DANTAS, Juliana Bulhões Alberto. **O Impacto Das Condições De Trabalho E Da Precarização Da Profissão Na Vida Do Jornalista**. 2019. 307 f., il. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/35573>. Acesso em: 18 de março de 2025.

DEL BIANCO, Nelia R. **A Internet Como Fator De Mudança No Jornalismo**. 2000. Disponível em: <http://bocc.ufp.pt/pag/bianco-nelia-internet-mudanca-jornalismo.pdf>. Acesso em: 10 de março de 2025.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos E Técnicos De Pesquisa Em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. Más Condições De Trabalho Agravam Saúde Mental De Jornalistas Dentro Das Redações, Revela Estudo. 2020. Disponível em: [https://fenaj.org.br/mas-condicoes-de-trabalho-agravam-saude-mental-de-jornalistas-dentro-das-redacoes-revela-estudo/#:~:text=Segundo%20uma%20pesquisa%20realizada%20pela,Covid%2D19%20\(55%25\)](https://fenaj.org.br/mas-condicoes-de-trabalho-agravam-saude-mental-de-jornalistas-dentro-das-redacoes-revela-estudo/#:~:text=Segundo%20uma%20pesquisa%20realizada%20pela,Covid%2D19%20(55%25).). Acesso em: 10 de março de 2025.

FERREIRA, Solange Dias. 2016. **O Impacto Da Internet No Jornalismo: Mudanças Nas Rotinas Jornalísticas**. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/31610/1/O%20impacto%20da%20internet%20no%20jornalismo.pdf>. Acesso em: 10 de março de 2025..

FERREIRA, Vinícius Augusto Bressan; LIMA, Samuel. **Perfil Dos Jornalistas Na Mídia (2021): Mudanças E Permanências**. In: ANAIS DO 20o ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2022, Fortaleza. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2022. Disponível em: <https://proceedings.science/encontros-sbpjor/sbpjor-2022/trabalhos/perfil-dos-jornalistas-na-midia-2021-mudancas-e-permanencias?lang=pt-br>. Acesso em: 10 de março de 2025.

FIGARO, Roseli; SILVA, Ana Flávia Marques da. **A Comunicação Como Trabalho No Capitalismo De Plataforma: O Caso Das Mudanças No Jornalismo**. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/38566>. Acesso em: 10 de março de 2025.

GROHMANN, Rafael do Nascimento. **Os Discursos Dos Jornalistas Freelancers Sobre O Trabalho: Comunicação, Mediações E Recepção**. 2012. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-18082012-160234/publico/dissertacaoRafaelGrohmann.pdf>. Acesso em: 10 de março de 2025.

GROHMANN, Rafael do Nascimento. **Os Discursos Dos Jornalistas Freelancers Sobre O Trabalho: Comunicação, Mediações E Recepção**. 2012. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-18082012-160234/publico/dissertacaoRafaelGrohmann.pdf>. Acesso em: 10 de março e 2025.

GROHMANN, Rafael. **O Trabalho Dos Jornalistas Como Sintoma Da Lógica Dos Conglomerados**. 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88299>. Acesso em: 10 de março de 2025.

HELOANI, Roberto **O Trabalho Do Jornalista: Estresse E Qualidade De Vida Interações**, vol. Xll, núm. 22, julho-dezembro, 2006, pp. 171-198 Universidade São Marcos São Paulo, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/354/35402208.pdf>. Acesso em: 10 de março de 2025.

JUNIOR, Enio Moraes; ANTONIOLI, Maria Elisabete. **Jornalismo E Newsmakingno Século Xxi: Novas Formas De Produção Jornalística No Cenário Online**. 2016. Disponível em: <https://revistas.usp.br/alterjor/article/view/121436/118330>. Acesso em: 10 de março e 2025.

LIMA, Cláudia. **O Jornalista Em Pauta: Mudanças No Mundo Do Trabalho, No Processo De Produção E No Discurso**. 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/r4-1120-1.pdf>. Acesso em: 10 de março de 2025.

LIMA, Renato Martins de. **A Qualidade Da Informação Do Jornalismo Online**. 2010. Disponível em: <http://bocc.ufp.pt/pag/bocc-lima-webornalismo.pdf>. Acesso em: 10 de março de 2025.

MICK, Jacques; KIKUTI, Andressa. **O Mundo Do Trabalho De Jornalistas No Brasil: Uma Agenda De Pesquisa**. 2020. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/179830>. Acesso em: 10 de março de 2025.

PARREIRA, Jordanna de Sousa; GHIZONI, lilian Deisy. **O Trabalho Em Pauta: Narrativas Das Jornalistas Sindicalizadas No Tocantins**. 2021. Disponível em:
https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/6695/3247. Acesso em: 10 de março de 2025.

Perfil do jornalista brasileiro 2021: Características Sociodemográficas, Políticas, De Saúde E Do Trabalho / Samuel Pantoja Lima (Coord. Geral) ; Jacques Mick ... [et al.]. 1. ed. Florianópolis : Quorum Comunicações, 2022. Disponível em:
<http://perfildojornalista.paginas.ufsc.br/files/2022/06/RelatorioPesquisaPerfilJornalistas2022x2.pdf>. Acesso em: 10 de março de 2025.

Perfil do jornalista do Norte 2023 [recurso eletrônico] : Características Sociodemográficas, Políticas, De Saúde E Do Trabalho / Samuel Pantoja Lima (Coord. Geral); Marluce Zacariotti ... [et al.]. – 1. ed. – Florianópolis : Quorum Comunicação, 2023. Disponível em:
<https://perfildojornalista.paginas.ufsc.br/files/2023/10/2023-10-22-Perfil-doJornalista-do-Norte-MARLUCE-ZACARIOTTI-et-al.pdf>. Acesso em: 10 de março de 2025.

REIMBERG, Cristiane Oliveira. **O Exercício Da Atividade Jornalística Na Visão Dos Profissionais: Sofrimento E Prazer Na Perspectiva Teórica Da Psicodinâmica Do Trabalho**. 2015. Disponível em:
<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde26062015-161358/publico/CristianeOliveiraReimberg.pdf>. Acesso em: 10 de março de 2025.

RENAULT, David. **A Convergência Tecnológica E O Novo Jornalista**. 2013. Disponível em:
<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/575/490>. Acesso em: 10 de março de 2025.

RIBEIRO, Jorge Claudio. 2001. **Sempre Alerta - Condições E Contradições Do Trabalho Jornalístico**. Disponível em:
https://books.google.com.br/books/about/Sempre_alerta.html?id=hAAWngEACAAJ&redir_esc=y
Acesso em: 10 de março de 2025.

RIBEIRO, Jorge Claudio. 2001. **Sempre Alerta - Condições E Contradições Do Trabalho Jornalístico**. Disponível em:
https://books.google.com.br/books/about/Sempre_alerta.html?id=hAAWngEACAAJ&redir_esc=y
Acesso em: 10 de março de 2025.

Saúde Mental De Jornalistas Dentro Das Redações, Revela Estudo. 2020. Disponível em:
[https://fenaj.org.br/mas-condicoes-de-trabalho-agravam-saude-mental-de-jornalistas-dentro-das-redacoes-revela-estudo/#:~:text=Segundo%20uma%20pesquisa%20realizada%20pela,Covid%2D19%20\(55%25\)](https://fenaj.org.br/mas-condicoes-de-trabalho-agravam-saude-mental-de-jornalistas-dentro-das-redacoes-revela-estudo/#:~:text=Segundo%20uma%20pesquisa%20realizada%20pela,Covid%2D19%20(55%25).). Acesso em: 24 de março de 2025.

SILVA, Maiara Sobral; Moura, Isabella Cruvinel Machado de Araujo. **As Implicações Da Queda Da Obrigatoriedade Do Diploma De Jornalismo Na Sociedade**. 2012. Disponível em: :
<https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/silva-moura-as-implicacoes-da-queda-da-obrigatoriedade.pdf>
Acesso em: 10 de março e 2025.

ZACARIOTTI, Marluce; MARQUES, Rodolfo; SANTIAGO, Abinoan. **Perfil Do Jornalista Da Região Norte Do Brasil: Contexto Desafiador De Precarização Do Trabalho**. In: ANAIS DO 21º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2023, Brasília. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2023. Disponível em:



<<https://proceedings.science/encontros-sbpjor/sbpjor-2023/trabalhos/perfil-do-jornalista-da-regiao-norte-do-brasil-contexto-desafiador-de-precarizac?lang=pt-br>>. Acesso em: 10 de março de 2025.